

TITULO

O concurso de arquitetura como proposta cultural e artística

AUTOR

Pedro Miguel Hernandez Salvador Guilherme

Arquiteto, Investigador Integrado Doutorado do Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA),
Universidade de Évora, Portugal

pmg@uevora.pt

AFILIAÇÃO

Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA), Universidade de Évora, Portugal

CHAIA/UE [2018] - Ref.ª **UID/EAT/00112/2013**

[Projeto financiado por Fundos Nacionais através da FCT/Fundação para a Ciência e a Tecnologia]

CONFERENCIA

FIGAC 2018, “Práticas Culturais e Linguagens Artísticas”, Escola Superior De Educação Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Av. Cap. Gaspar de Castro 513, 4901-908 Viana do Castelo, 6 e 7 de junho de 2018

RESUMO

Os concursos de arquitetura são uma oportunidade de investigação em projeto e fonte experimental de inovação teórica, prática e artística, assentando numa apresentação retórica visual e verbal de uma ideia em resposta a um problema de projeto. São momentos únicos de ligação entre a Praxis e a Academia provando a investigação-ação e a evidenciando que a arquitetura é uma forma de conhecimento e de produção cultural. São, ainda, um espaço de mediação do autor/equipa, do cliente/júri e da sociedade. São procedimentos de seleção da solução arquitetónica e do seu autor/equipa cada vez mais determinante enquanto fenómeno de representação social e profissional.

Assumem-se como uma prática cultural e artística onde o arquiteto e a sua equipa transdisciplinar, quebrando muitas vezes os limites profissionais e exponenciando os distintos contributos individuais, transcende a simples encomenda com uma proposta e um conteúdo não só programático como artístico e cultural.

A proposta a concurso encerra em si mesma uma interpretação cultural do sítio, a manifestação artística de um conceito não só teórico como gerador de um ambiente construído de qualidade (firmitas), significante (utilitas) e belo (venustas). Tal com outras expressões artísticas desafia a sociedade a pensar diferentemente, e a se questionar enquanto parte de um processo participativo de construção da sua identidade.

O artigo analisa as possibilidades únicas do concurso de arquitetura como motor de dinamização cultural e artística.

PALAVRAS-CHAVE

Arquitetura + Concurso de arquitetura + Produção cultural e artística

O CONCURSO DE ARQUITETURA COMO PROPOSTA CULTURAL E ARTÍSTICA

1. Introdução

Os concursos de arquitetura são uma oportunidade de investigação em projeto e fonte experimental de inovação teórica, prática e artística, assentando numa apresentação retórica visual e verbal de uma ideia em resposta a um problema de projeto. São momentos únicos de ligação entre a Praxis e a Academia provando a investigação-ação e a evidenciando que a arquitetura é uma forma de conhecimento e de produção cultural. São, ainda, um espaço de mediação do autor/equipa, do cliente/júri e da sociedade. São procedimentos de seleção da solução arquitetónica e do seu autor/equipa cada vez mais determinante enquanto fenómeno de representação social e profissional.

Assumem-se como uma prática cultural e artística onde o arquiteto e a sua equipa transdisciplinar, quebrando muitas vezes os limites profissionais e exponenciando os distintos contributos individuais, transcende a simples encomenda com uma proposta e um conteúdo não só programático como artístico e cultural.

A proposta a concurso encerra em si mesma uma interpretação cultural do sítio, a manifestação artística de um conceito não só teórico como gerador de um ambiente construído de qualidade (firmitas), significante (utilitas) e belo (venustas). Tal com outras expressões artísticas desafia a sociedade a pensar diferentemente, e a se questionar enquanto parte de um processo participativo de construção da sua identidade.

O artigo analisa as possibilidades únicas do concurso de arquitetura como motor de dinamização cultural e artística ilustrada na Praxis e concursos de Álvaro Siza Vieira e Eduardo Souto de Moura. Estes dois arquitetos portugueses definem um «ethos» da cultura portuguesa, de princípios e práticas multicultural que refletem princípios de inclusão, escassez e de crítica constante.

O artigo segue a tese de doutoramento desenvolvida explorando, através de uma abordagem mista que inclui uma revisão da literatura de estudos relevantes de arquitetura, um inventários de concursos, casos de estudo e entrevistas, os valores culturais e estéticos inscritos em concursos internacionais e iremos propor algumas reflexões sobre a sua relevância.

3. Definições

3.1 Arquitetura

A arquitetura é, antes demais, um corpus de conhecimento e prática que constitui uma arte, uma profissão e uma disciplina. O objetivo é capturar a massa, luz, sombras e espaço, para albergar o Homem e as suas atividades. As definições do que é arquitetura e dos seus limites estiveram sempre em discussão pelos arquitetos. Os tratados clássicos de arquitetura¹ eram manifestações vivas da verdadeira arquitetura, manifestação do divina.

Durante os últimos 40 anos em resposta à necessidade crescente do ambiente construído, e devido à especialização da prática da arquitetura, o arquiteto já não é a simples mente criativa dos artefactos habitados, mas sim um mediador da uma complexa rede de interesses. Os princípios clássicos da arquitetura da «firmitas», «utilitas» e «venustas» foram substituídos pelo «custo», «velocidade», «padrões» e «imagem» e estão no caminho dos arquitetos a perturbar o seu poder de mudar o mundo.

Mais recentemente, alguns autores têm explorada os limites e as fronteiras da profissão (Hill 2003, 2006) e de como estas se refletem na prática. Mas nem todos os espaços feitos pelo homem constituem verdadeira arquitetura, somente aquele que são significativos são verdadeiramente arquitetura. Ou seja, os edifícios, os

¹ P.ex.: 'De Architectura libri decem' (~27ac) de Marcus Vitruvius Pollio; 'De Re aedificatoria libri decem' (1452) de Leon Battista Alberti; ou 'Regole delle cinque ordini d'architettura' (1562) de Giacomo Barozzi da Vignola.

lugares e as paisagens extraordinários que, por meio da legitimidade da disciplina, contrastam com o vazio de significado.

3.2 Concursos

Os concursos de arquitetura surgem na tradição dos Grand Prix da Beaux Arts, junto com escultura e pintura. A validação pelos pares da significação e valia cultural é um processo de consolidação e afirmação da praxis e das competências do artista e do arquiteto.

No início de 1970, a União Internacional dos Arquitectos (UIA) e a UNESCO definem um modelo para os concursos internacionais que declara que “podem ser concursos de «projeto» ou de «ideias» ou, em certas circunstâncias, uma combinação de ambos. O objetivo de um concurso de «projeto» é encontrar a melhor solução para um projeto de um edifício real e para nomear o seu autor para a realização da encomenda. Os concursos de «ideias» são definidos como um exercício para elucidar certos aspetos do problema de arquitetura e planeamento.” (Regulamento da UIA, citado por Strong, 1976, p.142; UNESCO e UIA, 2011; UNESCO, 1954). Estas ainda são as definições fundamentais de todos os concursos nacionais e internacionais e foram inseridas na maioria das leis europeias.

Para os arquitetos, vencer um concurso de arquitetura é geralmente visto como o reconhecimento da sua competência (Guilherme e Salema 2017) através do projeto e dos seus valores estéticos (Guilherme 2016). Os valores formais apresentados e validados em concursos constituem uma visão inovadora da arquitetura do futuro que cria uma tendência. Para Álvaro Siza Vieira "o objetivo de um prémio arquitetónico é suposto ser, acima de tudo, o de apoiar e celebrar a perfeição. Eu ainda não fui capaz de alcançar a perfeição" (1992). O objetivo é a busca pela excelência, um compromisso e uma ética de mudança do meio em que ele é chamado a projetar "sem bagagem teórica" (Vieira e Dubois 1998).

Noutros artigos evidenciamos o uso dos concursos de arquitetura como meio de pesquisa e formação pessoal (Guilherme 2013). Os concursos são momentos únicos de ligação entre a Praxis e a Academia provando a investigação-ação e a evidencia de que a arquitetura é uma forma de conhecimento e de produção cultural. São, ainda, um espaço de mediação do autor/equipa, do cliente/júri e da sociedade. Adquirem-se e testam-se novas competências (Guilherme 2013), fundamentais para o discernimento do saber fazer e da perícia profissional do arquiteto: é uma oportunidade para aprender, testar e adquirir. Durante os concursos há um processo de sublimação extrema (Gill 2008) como reflexo de uma retórica (Tostrup 1999) e o projeto torna-se descontextualizado do espaço social e espacial permitindo a construção de um visual teórico e narrativa verbal muito diferente da práxis atual.

São procedimentos de seleção cada vez mais determinante enquanto fenómenos de representação social e profissional. Assumem-se como uma prática cultural e artística onde o arquiteto, quebrando muitas vezes os limites profissionais e exponenciando os distintos contributos individuais, transcende a simples encomenda com uma proposta e um conteúdo programático, artístico e cultural.

Os concursos desafiam a sociedade a pensar diferentemente, e a se questionar enquanto parte de um processo participativo de construção da sua identidade.

4. Uma profissão cultural e artística

A criação e produção cultural e artística visa normalmente a criação e produção de espetáculos no âmbito das artes performativas e as exposições no domínio das artes plásticas e visuais. A aplicação do conceito de arte ao projeto arquitetónico proposto através de um concurso, assume um carácter de inovação e criação distintos do exercício profissional da arquitetura.

A praxis do arquiteto possui muitas semelhanças com o discurso dos artistas (Borges e Delicado, 2010) e segundo o inquérito à profissão arquiteto (Borges, 2014; Cabral e Borges, 2006, 2007; Ordem dos Arquitectos - Secção

Regional do Sul, 2013). A sociologia das profissões comprova “a tensão entre a vocação e o exercício profissional, como é próprio das atividades de índole artística (...) marcada pela contingência, pela inspiração, pela intuição, pela imaginação e pela experiência vivida” (Weber, 2003, citado por Cabral e Borges, 2006, p.13-14). Os recentes estudos sobre os arquitetos (Cabral e Borges, 2006) salientam um grupo profissional maioritariamente jovem (2/3 com menos de 40 anos), formado após 1974 (90%), que assenta no “modelo do arquiteto-autor” (Cabral e Borges, 2006, p.8) e na possibilidade da existência de uma elite profissional associada à participação em concursos.

O ensino artístico que precede na sua maioria dos casos a aprendizagem superior da profissão do arquiteto e o gosto e paixão pelas atividades artísticas contribui para a ideia de autor (Borges, 2010). Álvaro Siza Vieira (Guilherme 2014.09.25) afirma ter querido seguir escultura, mas por que esta estava associada à boémia, no ver do pai, decidiu seguir arquitetura. Muitos outros arquitetos possuem esta relação forte, intrínseca, com a pintura e escultura (p.ex. Nadir Afonso e Pancho Guedes).

Ao longo da sua formação, da sua vida profissional e formação complementar, o arquiteto torna-se apto a cumprir um papel ativo e especializado na construção da sociedade, e este seu desempenho é caracterizado por uma narrativa autoral de obras construídas, de temas da arquitetura, e/ou de movimentos nacionais ou internacionais. Como Rem Koolhaas (1995) afirmou “a arquitetura é uma mistura perigosa de onipotência e impotência ... A incoerência, ou melhor a casualidade, é o que sustenta a carreira de todos os arquitetos. Enfrentam-se com encomendas arbitrárias, com parâmetros não estabelecidos por eles, em países que apenas conhecem, sobre temas de que são vagamente conscientes, e deles se espera que resolvam problemas que se mostraram irresolúveis para cérebros muito mais capacitados. A arquitetura é, por definição, uma aventura caótica.”

Nesta aventura caótica, na ligação entre a autoria livre e a subjugação ao poder do saber especializado, a proposta cultural e artística serve como refúgio ao arquiteto e como âncora sistémica do seu trabalho.

5. Uma Produção cultural

Os projetos de arquitetura que são apresentados em concursos constituem um recurso intelectual e cultural negligenciado (Adamczyk et al., 2004) e são repositórios de arquitetura potencial. Os concursos antevêm a obra construída e, são uma representação de um tempo, de uma cultura e de uma expressão artística. Assim, muitas das obras vencedoras de concursos determinam a cultura arquitetónica e constituem um valioso testemunho superior ao sucesso dos mesmos (Adamczyk et al., 2004; Chupin, Cucuzzella e Helal, 2015; Sobreira, Ganem e Araújo, 2014; Tostrup, 1999) e influenciam a prática arquitetónica para além do seu tempo.

Com diz Dennis Sharp: “Os concursos são barómetros do gosto arquitetónico. Eles são vistos frequentemente como medida das filosofias arquitetónicas; um meio através do qual as tendências do momento, tal como as novas modas, manias e fantasias podem ser exploradas.” (1988, p.181)

Manuel Gausa”, introduz uma entrada no seu dicionário referente a “Concurso / Concorrência - Cumprimento (excessivo) de esforços. Existência (acumulativa) de diversas (e diferentes) ideias, vontades ou ocorrências. Desperdício (generoso) de energia. Ajuda (ignorada) para atingir um fim. Desculpa (surpreendentemente habitual) em não encarar ou seguir em frente com as decisões.” (2003, p.123) Os concursos são arquitetura avançada, audaciosa, inovadora e plena de moralidade.

Nesta perspetiva os concursos são culturalmente e artisticamente avançados porque são ações, e arquiteturas, para além do tempo presente, propositivas e antecipatórias, com a capacidade de conectar as alterações tecnológicas (indústria e técnica) com o progresso cultural (através da criação) com uma lógica científica (através da investigação e desenvolvimento). “Uma ação (uma arquitetura) que valora (ambiciona) exploração, (rigor) pesquisa, (precisa) aplicação e (envolvida) difusão de ideias potencialmente mais qualitativas – Operativas e complexas. Uma ação (uma arquitetura) que acredita na necessidade constante de alimentar o sistema com energia. Uma ação (uma arquitetura) que trabalha com a adaptação, relação, informação e evolução. Uma ação (uma arquitetura) que é reformadora precisamente pela virtude de ser informativa.” (Gausa et al., 2003, p.34)

Um dos aspetos importantes que advém deste conceito de arquitetura avançada é o da possibilidade de hibridização ou mixagem de culturas, artes, naturezas e procedimentos, que leva, inevitavelmente, a uma maior complexidade nas propostas e novas ligações ou pontos de partida. Os concursos por promoverem as arquiteturas avançadas são: humanistas; progressivos e otimistas; flexíveis e plurais, resultantes de processos de conexão e relacionamento, logo relacionais; não deterministas nem fechadas, não terminados nem préconfigurados, dinâmicos; globais mas capazes de reter singularidades locais; espontâneos, inconformados, expansíveis, extrovertidos e informais; explícitos, diretos e expressivos; eloquentes em vez de elegantes; corajosos em vez de resistentes; preparados em função dos signos culturais dos seus tempos, entre o indivíduo e o mundo.

6. Uma oportunidade coletiva especulativa e prospetiva

Tornar um concurso exclusivamente num evento é reduzir o debate de ideias a um momento e não entender quanto inovadoras podem ser as soluções e o quanto podem ser críticas e reflexivas para o próprio arquiteto e para a sociedade.

Os concursos de arquitetura são, pela sua vertente pública, especulativos e prospetivos, potencialmente fraturantes. Um concurso de arquitetura distingue-se, portanto, de outros projetos não só pela matéria em concurso como pela relevância da ação do concurso sobre o território e sobre a comunidade.

Ainda assim, os concursos pela “natureza pública da arquitetura torna-a diferente de arte, música, literatura ou teatro, onde o público pode escolher livremente a sua experiência. O público tem que viver com os edifícios. A Arquitetura e os concursos de arquitetura devem servir e funcionar com e para o público. Um bom desenho pode cativar o espectador, transmitir significados sobre um lugar, e evocar prazer. Muitas vezes a arquitetura que resulta da competição deixa o observador perplexo e desapontado. (A arquitetura de assinatura [e de autor] - os edifícios por arquitetos famosos - tem um resultado similar.) A reação destaca uma divisão entre dois tipos de significados: a declaração artística e intelectual destinada à apreciação de outros artistas e o significado quotidiano visto pelo público e pelos ocupantes.” (Nasar, 2006, p.1,2)

Maurice Stucke (2013) por sua vez afirma que os concursos facilitam o surgimento de ideias, em que a verdade prevalece apesar da amplitude, diversidade e antagonismo de propostas, um reflexo da falta de acutilância das soluções. Se os concursos permitem uma imensidão de soluções, a escolha da solução será necessariamente menos focada e acutilante que numa escolha entre soluções mais semelhantes e de menor espectro. A discussão e argumentação sobre soluções mais próximas tende a contribuir para a objetividade na escolha, e ao invés um leque alargado de escolhas desfoca a escolha e esta é mais subjetiva porque permite maiores oportunidades de identificação pessoal na escolha. Não obstante este aspeto o autor aponta para que o concurso continua a ser o meio mais adequado para oportunidades, mesmo que não ótimas, de benefício da sociedade.

7. Um processo de investigação e experimentação

Os concursos fazem parte da formação dos arquitetos desde a Beaux-Arts de Paris e aparentam ser processos de investigação e experimentação (Adamczyk et al., 2004; Frayling e Royal College of Art, 1993; Till, 2005) em arquitetura, fora da academia e na praxis. Neste sentido os concursos são reflexo de uma prática profissional, de uma formação e de uma pesquisa pessoal do arquiteto (ou do escritório, enquanto materialização formal e fiscal de um conjunto de arquitetos ou equipas pluridisciplinares).

Como Villaverde Cabral e Vera Borges afirmam, citando Freidson, “é inútil para a teoria considerar a arte como ofício (...) e dizer que alguém que cria exerce uma profissão (...). A arte não é um ofício nem uma atividade de lazer. É um híbrido anormal entre os dois” (2010, p.151) e Larson discute a arquitetura como arte e profissão, colocando em ênfase que um arquiteto “tem de satisfazer um cliente, mas tem [obrigatoriamente] de «fazer arquitetura» mesmo apesar dos desejos do cliente” (1993, p.14). Ou seja, há uma autonomia que é do campo da arte, mas há uma dependência do cliente, como mecenas e promotor da arte. Aquilo que Vera Borges aponta

(olhando para a diluição das competências profissionais) como a “esquizofrenia identitária dos arquitetos” (2010, p.152).

Larson em relação à investigação afirma: “Finalmente, os concursos (especialmente os internacionais) providenciam um ponto importante de entrada na disseminação do discurso [arquitetónico], para os vencedores e também para os referenciados. (...) Hoje, mesmo arquitetos locais, ajudados pelas suas reputações e pelo contacto com clientes que operam internacionalmente, não só contribuem com discurso arquitetónico, como atingem comissões internacionais.” (1993, p.14) Segundo Tom Danielsen a “investigação em arquitetura é, praticamente, a fase de competição, e o método de trabalho das atividades de projeto foi sempre, é e será sempre empírica” e “a mais importante força de inovação é o concurso de arquitetura” (2010, p.35)

Há ainda quem não fale exatamente em investigação em concursos, mas em experimentação (Kreiner, 2010, p.443), com base no título do livro de Hélène Lipstadt (1989), e no investimento na exploração de novas ideias. É possível existirem os dois casos (investigação e experimentação) em concursos de arquitetura, sendo que o veículo em si é o mesmo apenas se altera o facto de a ideia ser inovadora em virtude do problema ou estar a ser aplicada como solução ao problema. Ou seja, o concurso é o desencadear da ideia ou o local onde se experimenta essa ideia.

8. Uma oportunidade de inovar

Os concursos expressam audácia, não de forma imprudente ou temerária, mas através de risco e inovação precisamente determinada e calculada. A audácia no seu sentido positivo e energético, não preservacionista ou conservadora, voltada para as propostas propositivas e revitalizadoras, mais qualitativas. Do Latim: “Audaces fortuna Juvat” – “A audácia favorece os jovens”. (Gausa et al., 2003, p.68)

A inovação não é exclusiva dos jovens, mas dos mais energéticos. Não se trata, segundo Manuel Gausa e Vicente Guallart, de um fenómeno coletivo, mas “de um facto motivado por forças e atitudes individuais que são capazes de correlação, e que em última análise criam uma expressão individual.” (2003, p.350) Os concursos de arquitetura estimulam a inovação através da valorização da qualidade arquitetónica e profissional. Os problemas da inovação não são geracionais, mas de ideias, de atitudes, de qualidades e horizontes de mudança e de intervenção.

A inovação não é isenta de moralidade (Gausa et al., 2003, p.437) mas gera uma tensão entre a ação destrutiva da história e a moralidade da inovação. A moralidade ou a verdade acabam por definir a virtude dos concursos como uma questão de consciência sobre o envolvimento pessoal de cada um na sociedade, e na forma como essa relação permite a transmissão e produção de conhecimento. O concurso como resultado da paixão e como estímulo e reflexo de participação da profissão no devir da sociedade.

Também Larson (1993, p.247) indica a possibilidade de os concursos de arquitetura estarem ligados a uma pressão de inovação cultural que se traduz nos eventos urbanos e arquitetónicos que são expostos em galerias de arte ou no circuito académico. A Inovação não está ligada necessariamente à tecnologia ou à indústria. Villaverde Cabral e Vera Borges apontam que “historicamente os arquitetos precedem os engenheiros civis, tendo acumulado as competências de ambas as profissões até ao início do século XX, quando o processo de diferenciação entre arte e técnica levou à certificação da profissão do engenheiro” (2010, p.149) e, tendo os arquitetos sido relegados para a criação artística, a inovação é no regime autoral e não como a engenharia, que “radica no desenvolvimento técnico-científico do último século e meio, que trouxe à construção uma plethora de novos materiais, bem como formas mais rigorosas e económicas de os combinar” (2010, p.152).

9. Uma visão

Os concursos possuem visões complementares e antagónicas (Lipstadt, 2006). Cada visão identifica uma organização inteligente, consciente, visual e textual, dos vários níveis de aspetos e valores fundamentais ao

desafio em concurso que ultrapassam as particularidades individuais e se projetam nos meios alargados do debate arquitetónico.

O concurso tem uma inteligência coletiva, que se opõem à individualidade em que o derradeiro desafio é a genialidade do projeto. Neste processo coletivo cada parte acrescenta um pouco a uma visão coletiva inovadora. Cada adição corresponde a uma oportunidade para o desenvolvimento pessoal, pelo que cada participação num concurso é igualmente, desde logo, uma vitória pessoal e uma forma (limitada) de sucesso.

A visão na organização procura incorporar novos processos de organização das equipas, nomeadamente ao nível da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, e das redes difusas de colaboradores, que se organizam para concorrer ou até para avaliar os concursos. A visão na inovação implica proporcionar, potenciar, estimular e encorajar o surgimento de novos talentos, pelo que a visão dos concursos de arquitetura deve ser abrangente e inclusiva. A visão pública deve ser acrescida dos valores simbólicos e comunicacionais do espaço público, servindo o propósito da discussão sobre a própria arquitetura enquanto representativa da cultura de um povo.

10. Um estranho modo de vida

Os concursos são hoje uma forma de exercício profissional, existindo duas diferentes estratégias em relação ao sucesso que definem dois tipos principais de concursos: os concursos de projeto (abertos ou fechados) e os concursos de ideias.

Os concursos de projeto são “utilizada por aqueles que já dominaram o campo [da arquitetura]. Operaram essencialmente estratégias defensivas destinadas a mantê-los lá. Estas tendem a ser estratégias de silêncio, não tanto de defesa da sua ortodoxia para os manter, apresentadas como auto-evidentes. (...) os novatos ou aqueles que já se comprometeram com o concurso de consagração têm duas opções diante deles. Podem produzir edifícios (desenhos, participações em concursos, exposições ou tratados) que afirmem os valores e o capital dos membros dominantes e, assim, juntarem-se a eles, ou podem adoptar a estratégia muito mais arriscada de criação de uma nova estética, uma nova forma de capital simbólico e, assim, desafiar a instituição.” (Stevens, 1998, p.99-100)

Os concursos de projeto são concursos de arquitetura onde é espectável a concretização do projeto e a aquisição dos serviços ao arquiteto vencedor. Portanto são cruciais para a identidade profissional e confirmam o papel do arquiteto na sociedade. “Tal como Hélène Lipstadt observa, o mito e as esperanças que envolvem o concurso de arquitetura relembram os rituais carnavalescos, nos quais as hierarquias eram simbolicamente invertidas, mas não negadas, pondo as mulheres, os pobres, os miseráveis, no topo por um dia. Um professor assistente obscuro, um desenhador desconhecido, um arquiteto em início de carreira, pode vencer a elite profissional e um aluno pode ficar à frente do seu professor.” (Larson, 1994, p.475). Esta tipologia está ligada à prática e ao exercício profissional, aberto aos que exercem a profissão de arquiteto e dominam a arte de construir. O problema em concurso está perfeitamente definido e espera-se que a resposta concretize uma solução para o problema através de um exercício de projeto.

Os concursos de ideias exploram o campo experimental. Não há predefinição de realização e o objetivo é de investigar o problema e encontrar novas possibilidades de resolução. É muito mais experimental e menos definido. A mera existência de um concurso de ideias onde ambos – alunos e arquitetos formados – têm permissão para concorrer em igualdade de condições proporciona-nos uma possível ligação entre a academia e a praxis em concursos. Num concurso de ideias não existem limites, os arquitetos são confrontados com a necessidade de pesquisa e os alunos com a necessidade de estarem plenamente conscientes da sua vocação: a pesquisa e a prática tendem a encontrar-se. Alguns autores (Carrero, 2012; Collyer, 2004; Strong, 1976, 1996; Wynne, 1981) confirmam que os concursos de ideias frequentemente são feitos com a intenção de explorar ou ultrapassar o equilíbrio das soluções standard, dos modelos, para proporcionar soluções alternativas, e onde se acredita que os procedimentos usuais não sejam bem-sucedidos.

Os arquitetos consideram “os custos e as questões em torno de um concurso de ideias aberto em arquitetura através de um entendimento da sintaxe e das prioridades disciplinares” (Plowright, 2014), mas ainda assim decidem “prostrarem-se no altar da potencial fama” (Hopkirk, 2013 citado por Till).

De facto, os concursos de ideias, embora hipoteticamente focados na representação formal (intelectual) ou dando prioridade à experiência humana (fenomenológica), levantam questões que são conduzidas somente pela pesquisa e não pela encomenda (lucro) prevista. Mais do que obter o prémio – e, portanto, a oportunidade de construir – os arquitetos estão interessando em testar o discurso na arquitetura (Larson, 1994; Plowright, 2014) e em testar os seus limites e relações (Hill, 2003, 2006).

11. Uma prática ou o concurso como meio para um fim

Le Corbusier ensinou-nos que “o trabalho de um arquiteto nunca é perdido, o trabalho feito em cada projeto tem alguma utilização no próximo” (referido por Utzon no seu livro vermelho e amarelo) e os concursos, tal como qualquer outro modo de exercitar e aprender os modos de um arquiteto, constituem uma oportunidade maior do que vencer o prémio.

Para alguns autores, os concursos são o “único momento no qual o arquiteto pode desenvolver livremente novas capacidades, conhecimentos e ideias para avançar, até se tornar num campo de investigação” (González e Fernández, 2012, p.40) e que “podem proporcionar a uma empresa [ou a um arquiteto] a oportunidade de refletir sobre ideias que de outra forma não poderia explorar numa base quotidiana” (Collyer, 2004, p.13).

As tendências e os interesses culturais do momento (contrariamente ao que é referido por Plowright, 2014) são ferozmente experimentadas numa busca de novo conhecimento testado, sujeito a restrições pessoais de sintaxe, discurso e método. Conforme observado em exemplos de arquitetos portugueses existe uma natureza verdadeiro, fortemente ligada a um (convicto) arquiteto ético, forçando-o a ser verdadeira e a estar em sincronia ao seu autêntico etos (etos) profissional. Tal como qualquer outro investigador, os arquitetos perseguem a sua própria resposta à questão colocada pelo concurso. Como em qualquer outra pesquisa científica, é a avaliação da exatidão do percurso (método) tomado que permite chegar a uma possível resposta correta. Tal como em qualquer pesquisa, a resposta nunca é definitiva, mas apenas uma adição ao conhecimento já sistematizado.

12. Conclusões

Todas estas valências dos concursos fazem com que este seja um recente, inovador e crescente campo de investigação em arquitetura. As conferências sobre concursos (Estocolmo 2008, Copenhaga 2010, Montreal 2012, Helsínquia 2012, Delft 2014 Leeds 2016) e o grande número de investigadores e teses de mestrado e doutoramento confirmam a importância deste ramo da investigação em arquitetura. Os concursos são excitantes e trazem ao de cima o que cada um de nós tem de melhor.

É inegável que se espera que os arquitetos, nos concursos, cheguem a uma notoriedade inquestionável, e, como na arte, tal com Vera Borges confirma “avalia-se o valor artístico e a originalidade em termos relativos; por isso utilizam-se os prémios, os rankings (...) para fazer comparações e competições incessantes na hierarquia de talentos.” (2014, p.76) Mas, de facto, é mais frequente os júris (os sacerdotes, de acordo com Stevens, 1998) como os dominantes no processo (críticos, editores, académicos ou profissionais reconhecidos), incorporados no sistema e já reconhecidos pelo sistema, proporcionem o seu equilíbrio, que controla a consagração dos concorrentes. É por isso que tantas vezes os arquitetos consagrados não participam em concursos abertos porque não conseguem garantir o seu estatuto – e preferem fazer parte daqueles em que são diretamente escolhidos e fazer parte do chamado efeito Bilbao (Ricco, Lo e Micheli, 2003; Rybczynski, 2002). Só recentemente, devido a esta mudança económica mundial, observamos uma submissão sem precedentes a concursos por tantos arquitetos reconhecidos lado-a-lado com jovens novatos, todos numa busca pela encomenda. É também por isso que em tão pouco tempo um novato realmente chega a concursos maiores.

Procurou-se ao longo deste artigo identificar as pontes e as correlações entre a arquitetura desenvolvida através de concursos e a produção cultural e artística, refletindo e traçando pontes entre estas atividades e profissões. A descrição formal da criação e produção cultural e artística engloba no seu âmago a produção de tudo quanto questiona a natureza instituída da sociedade e dos povos. O concurso possui essa natureza especulativa e propositiva que induz ao surgimento, através da imaginação, engenho e arte, da solução para o problema. A arquitetura sempre e ainda agora assume o seu posicionamento duplo entre arte e técnica, buscando a condição ser considerada uma habilidosa irmã das artes, como a música e a literatura – e, sendo assim, não é concebida como uma ciência. A profissionalização, ao mesmo tempo em que conferia ao arquiteto outras capacidades que não as artísticas, paradoxalmente estabelecia esse novo profissional como dotado mas limitado a habilidades exclusivas, não compartilhadas pelos outros profissionais da construção e afastando-o da arte.

A diferenciação entre o arquiteto artista e o profissional “construtor” é fruto de uma especialização imposta pela sociedade contemporânea, que urge contrapor com a dádiva da ideia narrada e desenhada através do concurso.

Referencias bibliográficas

- Adamczyk, G. et al. (2004). Architectural competitions and new reflexive practices. In Between Research and Practice Conference, ARCC–AEEA conference. Dublin: Dublin School of Architecture.
- Borges, V. (2014). Reputação, mercado e território: o caso dos arquitetos. In *Sociologia, Problemas e Práticas*, 73–92. Lisboa: ICS.
- Borges, V., Cabral, M.V. (2016). Les architectes au Portugal: entre la vocation et la profession. In *Sociologie de l'art, opus, nouvelle série*, 153 - 176. Paris: Lharmattan.
- Borges, V., Cabral, M.V. (2016). The architect profession: Between excess and closure. Redefining art worlds in the late modernity, 117-133. Porto: Universidade do Porto.
- Borges, V., Delicado, A. (2010). Discípulos de Apolo e de Minerva: vocações artísticas e científicas. In *Profissão e Vocação: ensaios sobre grupos profissionais*, 209-245. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- Cabral, M.V., Borges, V. (2006). Relatório da Profissão: Arquiteto/a. Lisboa: Ordem dos Arquitetos.
- Cabral, M.V., Borges, V. (2010). Muitos são os chamados, poucos os escolhidos: entre a vocação e a profissão de arquiteto. In *Profissão e vocação: Ensaio sobre grupos profissionais*, 147–177. Lisboa: ICS.
- Cabral, M.V., Borges, V. (s.d.). Architecture as Vocation and Profession: A Survey of Portuguese Architects. Glasgow, Scotland: [s.n.].
- Carrero, J.R. (2012). De jurados y arquitectos: ideas sobre los concursos. In *Proyecto, Progreso, Arquitectura. No 7 Arquitectura entre Concursos* (2012) 26–37.
- Collyer, G.S. (2004). Competing globally in architecture competitions. Hoboken: Wiley-Academy.
- Cucuzzella, C. (2012). Use and Abuse of Environmental Norms in the Competition: Case Studies from Canadian Architectural Competition 2008-2011. Presented at the Architecture as Human Interface 2012, The 4th Symposium of Architectural Research. Finland: Aalto University.
- Danielsen, T. (2010). The architectural competition: research inquiries and experiences. In *The architectural competition: research inquiries and experiences*, 18–35. Stockholm: Axl Books.
- González, L.A., Fernandez, F.J.M. (2012). Aprendiendo de los concursos. In *La investigación en arquitectura. Proyecto, Progreso, Arquitectura. No 7 Arquitectura entre Concursos*, 38–53.
- Guilherme, P, Rocha, J.A. (2013). Architecture competitions as a lab: a study on Souto de Moura's competition entries. In *Architectural competitions – histories and practice*, 158-191. Hamburg: Rio Kulturkooperativ.
- Guilherme, P. (2016). Entrevista a Álvaro Siza Vieira (2014.09.25). In *O concurso internacional de Arquitectura como processo de internacionalização e investigação na Arquitectura de Álvaro Siza Vieira e Eduardo Souto de Moura*, Tese de Doutoramento, Vol. II, 229-239. Lisboa: FA, UL.
- Guilherme, P. (2016). O concurso internacional de Arquitectura como processo de internacionalização e investigação na Arquitectura de Álvaro Siza Vieira e Eduardo Souto de Moura. Tese de Doutoramento. Lisboa: FA, UL.
- Guilherme, P. (2016). The relevance of international design competitions for Portuguese architecture. In *Architectural competitions as institution and process*, 226-259. Stockholm: The Royal Institute of Technology.
- Guilherme, P., Salema, S. (2017). Emerging research: the architect's personal research through design competition. In *Architectural Research Addressing Societal Challenges*, 677-684. London: CRC Press/Taylor & Francis.

- Gil J. (2008). Portugal, Hoje. Lisboa: Relógio D' Água.
- Helal, B. (2015). Competitions as Laboratoires. On the So-Called «Experimental» nature of Architecture Competitions. In *Architecture competitions and the production of culture, quality and knowledge: an international inquiry*, 232–253. Montreal, Canada: Potential Architecture Books.
- Hill, J. (2003). *Actions of architecture*. New York: Routledge.
- Hill, J. (2006). *Immaterial architecture*. New York: Routledge.
- Koolhaas, R. (1995). *S, M, L, XL*. New York: The Monocelli Press.
- Latour, B. (2004). Why Has Critique Run Out of Steam? From Matters of Fact to Matters of Concern. In *Critical Enquiry* 30 (winter 2004), 225–248. Chicago: The University of Chicago Press.
- Lipstadt, H. (2010). New Architectural Competitions. In *Experimenting with The Experimental Tradition, 1989-2009: On Competitions and Architectural Research*, 36–75. Stockholm: Axl Books, 2010.
- Nasar, J.L. (2006). *Design by competition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Plowright, P.D. (2014) Competitions of Distraction or Hope? In *Public Responsibility, Social Advocacy, and the Dismantling of Architectural Priorities in the Open Ideas Competition*, International Conference on Competitions 2014. Netherlands: TU Delft.
- Ricco, G.L., Micheli, S. (2003). *Lo spettacolo dell'architettura: profilo dell'archistar*. Milan: Bruno Mondadori.
- Rybczynski, W. (2002, September). The Bilbao Effect. *The Atlantic Monthly*, 290(2), 138-142.
- Saint, A. (1983). *The image of the architect*. London: Yale University Press.
- Sobreira, F., Ganem, R., Araújo, S. (Eds.) (2015). *Qualidade e sustentabilidade do ambiente construído: legislação, gestão pública e projetos*. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara.
- Stevens, G. (1998). *The Favoured Circle: The Social Foundations of Architectural Distinction*. [S.l.]: The MIT Press.
- Strong, J. (1976). *Participating in architectural competitions: a guide for competitors, promoters, and assessors*. London: Architectural Press.
- Strong, J. (1996). *Winning by design: architectural competitions*. Oxford: Butterworth Architecture.
- Stucke, M.E. (2013). *Is competition always good?* [S.l.]: [S. ed]
- Tostrup, E. (1999). *Architecture and Rhetoric. Text and design in architectural competitions, Oslo 1939-90*. London: Andreas Papadakis Publisher.
- UNESCO (1954). *Resolutions and decisions adopted by the Executive Board at its Thirty-seventh session (Paris, 10 March - 9 April 1954)*. Paris: UNESCO.
- UNESCO, UIA (2011). *Charter UNESCO & UIA for architectural education. Revised Edition 2011, Approved by UIA General Assembly, Tokyo 2011*. Paris: UNESCO.
- Utzon, J. (sd) *Sydney National House (Red Book)*.
- Utzon, J. (sd) *Sydney National House (Yellow Book)*.
- Wynne, G.G. (1981). *Winning designs: the competitions Renaissance*. New Brunswick: Transaction Books.
- Vieira, A.S. (14 de maio de 1992). *Discurso de aceitação da cerimónia*.
- Vieira, A.S. e Dubois M. (1988). *Dentro da cidade*. Nova York, NY: Whitney Biblioteca de design.